

GRAMATICALIZAÇÃO DO VERBO VISAR

GRAMMATICALIZATION OF THE VERB 'VISAR'

Geovana Portela de Moura¹

Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo²

Lúcia Regiane Lopes-Damasio³

RESUMO

Este artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto para a História do Português Brasileiro – Mato Grosso (PHPB-MT) e teve como objetivo principal estudar o processo de mudança linguística das construções com o verbo *visar*. Neste estudo, foi mapeada a trajetória de gramaticalização das construções com o verbo *visar*, por meio de uma descrição analítica do comportamento sintático, semântico e pragmático do item à luz dos pressupostos teóricos de Gramaticalização, na perspectiva da Linguística Funcional. As ocorrências com o objeto dessa pesquisa foram catalogadas e analisadas a partir de uma amostra panocrônica, extraídas de jornais escritos e publicados no estado de Mato Grosso, nos séculos XIX, XX e XXI, a fim de captar a variação e comprovar a mudança histórica do fenômeno em estudo. Conclui-se que *visar* está num processo de gramaticalização, em que parte do uso mais concreto, como verbo pleno, significando “olhar”, para um uso mais abstrato, na formação de perífrase (*visar* + infinitivo) com marcação de volição.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística funcional. Gramaticalização. Verbo *visar*.

ABSTRACT

This article is the result of a search carried out within the scope of the Project for the History of Brazilian Portuguese – Mato Grosso (PHPB-MT) and its main objective was to study the process of linguistic change in constructions with the verb *visar*. In this study, the grammaticalization trajectory of constructions with the verb *visar* was mapped, through an analytical description of the syntactic, semantic and pragmatic behavior of the item in the light of the theoretical assumptions of Grammaticalization, from the perspective of Functional Linguistics. The occurrences with the object of this research were cataloged and analyzed from a panchronic sample, extracted from newspapers written and published in the state of Mato Grosso, in the 19th, 20th and 21st centuries, in order to capture the variation and prove the historical change of the phenomenon under study. It is concluded that *visar* is in a grammaticalization process, in which it starts from a more concrete use, as a full verb, meaning “to look”, to a more abstract use, in the formation of periphrasis (*visar* + infinitive) with volition marking.

¹ Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Mato Grosso. Docente da Secretaria de Educação de Mato Grosso, prof.giportela@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1539-8512>.

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, celiamarciagn@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-8811-814X>.

³ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho. Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, l.damasio@unesp.br, <https://orcid.org/0000-0002-9058-3566>.

KEYWORDS: Functional linguistics. Grammaticalization. Verb *visar*.

Introdução

Esta pesquisa se respalda no entendimento de língua como unidade concreta, histórica e em constante “fazimento”, assim como apregoa Coseriu (1979). Nosso estudo fundamenta-se, sobretudo, nos moldes do funcionalismo desenvolvido pela vertente americana, que tem como principais nomes os de linguistas como Givón (1979; 1983), Hopper (1991), Hopper e Traugott (1993), entre outros. Ademais, amparamo-nos nos postulados de autores pertencentes ao grupo funcionalista alemão (LEHMANN, 1988; HEINE *et al.*, 1991), uma vez que discorrem especificamente sobre os verbos, objeto de análise deste trabalho.

Utilizaremos, desta corrente linguística, o arcabouço teórico da Gramaticalização (GR, daqui em diante), definido, genericamente, como um processo linguístico no qual um item/construção lexical adquire caráter gramatical, ou, se gramatical, passa a ser mais gramatical, com o objetivo de descrever o comportamento sintático, semântico e pragmático de *visar*, com o significado de “ter por objetivo”, em processo de mudança.

Nossa investigação amparou-se pelas seguintes perguntas de pesquisa: 1) Qual é o processo histórico de mudança que confirma a descrição sincrônica dos usos de *visar*? 2) O princípio da unidirecionalidade⁴ é validado nesse processo de mudança perpassado por *visar*? 3) Quais os contextos que propiciam as mudanças de categoria e de sentido de *visar*?

Nesse sentido, os processos de GR do verbo *visar* foram analisados numa perspectiva pancrônica (conjugação de dados sincrônicos e diacrônicos). O resultado dessa análise será exposto na seção 5 deste artigo. Antes, porém, se faz necessário apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos que subsidiam tal análise, o que é disposto nas seções de 1 a 4.

1. Breves considerações sobre gramaticalização

A gramaticalização consiste em um tipo especial de mudança em que, a depender da abordagem (clássica ou construcional), se reconhece quando um item/construção lexical se torna um item/uma construção gramatical, ou quando um item/construção gramatical se torna ainda mais gramatical, podendo mudar de categoria sintática, receber propriedades funcionais na sentença, adquirir alterações semânticas e fonológicas (cf. HOPPER, 1991; TRAUOGOTT e TROUSDALE, 2013).

Para Hopper e Traugott (1993), os itens lexicais são utilizados para relatar ou descrever as coisas, as ações e as qualidades; já os itens gramaticais são aqueles que estabelecem relações entre nomes (função das preposições); articulam os discursos (função dos conectivos); designam se coisas ou seres do texto já foram ou não identificados (atribuição dos pronomes e artigos); e revelam se essas coisas ou seres estão próximos ou distantes do falante ou do ouvinte (papel desempenhado pelos

⁴ A unidirecionalidade prevê que as mudanças linguísticas ocorrem num continuum, “[...] operadas sempre da esquerda para a direita e, nesse caso, de categorias cognitivas mais próximas do indivíduo, [+concretas], para categorias cognitivas mais distantes do indivíduo [-concretas]” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 40).

demonstrativos). Nesse sentido, uma forma gramaticalizada é aquela que um item/construção lexical assume quando passa a desempenhar funções de um item/construção gramatical.

Nessa mesma perspectiva, Heine *et al.* (1991) apresentam os conceitos: fontes e gramaticais. Os conceitos fontes referem-se a elementos caracterizados por lexemas, que possuem significação própria e codificam objetos concretos, processos, localizações e dêixis. Os conceitos gramaticais estão ligados a elementos mais abstratos, codificados por formas não lexicais, como auxiliares, partículas, clíticos, afixos etc., e caracterizam-se por serem determinados na estrutura de uso.

Numa visão diacrônica, o processo de GR assume, necessariamente, um caráter gradual, no qual o estudo destina-se a explicar como as formas gramaticais aparecem e como passam a exercer funções na língua. Numa perspectiva sincrônica, assume o objetivo de identificar os graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve, estando, portanto, o caráter gradual também presente nessa perspectiva.

Abordando sobre esse assunto, Neves (2004, p. 118) assegura que a GR pode ser compreendida numa posição pancrônica, na qual “acentua a interdependência entre sistema linguístico e uso, entre natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica”, sendo esse o enfoque que escolhemos para o estudo do fenômeno de GR eleito. A complementação entre as duas perspectivas de análise, mais do que observar a relação entre sistema e uso, permite comprovar um entendimento de língua concreta e histórica, que se encontra em constante “fazimento”, nos termos de Coseriu (1979).

2. Heine: a mudança de pleno para auxiliar

É pertinente apresentarmos as contribuições teórico-metodológicas de Heine (1993, pp. 58-66) para o paradigma teórico da GR, no que tange, especificamente, às motivações para a formação de verbos auxiliares, objeto deste estudo. Sete estágios são propostos por esse autor para a GR de verbos, a saber:

1º estágio: o verbo tem a sua raiz no concreto, significado lexical pleno, e seus objetos também se referem a objetos concretos.

2º estágio: dá-se o início do processo de auxiliarização, em construções em que aparecem complementos nominais ou complementos formados por verbos não-finitos. Neste estágio, para Heine, os itens, em processo de GR, associam-se sempre a outros itens que são classificados, de forma equivocada, como verbos. As seguintes características costumam ser observadas nesses casos: (i) os itens verbais podem se associar a verbos não-finitos ou terem complementos nominais; (ii) pode não ser identificada a identidade do sujeito para os dois verbos; (iii) várias construções concorrem na complementação do verbo, como as de infinitivo, de gerúndio ou de particípio; (iv) a oração com verbo finito também pode ser o complemento do verbo.

3º estágio: o verbo, em processo de GR, neste estágio, passa a desempenhar outras funções, podendo, dessa forma, ter referentes não-humanos, isso porque eliminam-se as restrições de seleção

e os verbos passam a desempenhar funções como as de tempo, modo ou aspecto. Unido ao verbo principal, passa a constituir uma unidade semântica, tornando-se conhecido como semiauxiliar.

4º estágio: neste estágio, os verbos em GR perderam sua categoria, ou seja, foram decategorizados e apresentam as seguintes características: (i) perdem a capacidade de formar imperativos, de ser nominalizados ou de se apassivar; (ii) os núcleos de seus complementos já não são os nomes; (iii) na formação de perífrase, associam-se apenas à forma nominal não-finita.

5º estágio: nesta etapa, o item já não é mais classificado gramaticalmente como verbo, sofre erosão, perde o estatuto de palavra e substância fonológica e/ou morfológica. Neste estágio, portanto, as seguintes características podem ser percebidas: (i) não são classificados como pertencentes à categoria dos verbos; (ii) separadamente, perdem a possibilidade de serem negados; (iii) ocupam uma posição fixa dentro da oração; (iv) em algumas situações, podem ser um híbrido, como marcador gramatical, resultante dos vestígios de quando eram verbos; (v) podem ser cliticizados e/ou sofrerem erosão:

6º estágio: já se encontra fixado firmemente, mas possui, ainda, vestígios de sua origem. Passa a ser visto como clítico ou afixo, sendo acompanhado de um verbo, denominado como principal.

7º estágio: estágio final da GR, em que o item perde toda e qualquer característica de verbo e torna-se um marcador gramatical com a forma de um afixo flexional sem tom ou acento distintivo próprio.

Geralmente, os verbos podem apresentar características de mais de um estágio numa determinada fase da GR. Passar por todos os estágios não é um requisito para consolidar o processo, uma vez que, dificilmente, isso ocorre. Heine (1993) classifica os verbos, nestes estágios da GR, da seguinte forma: a) nos 1º e 2º estágios: lexemas, verbos plenos; b) no 3º estágio: quase-auxiliares, semi-auxiliares, concatenativos; c) nos 4º e 5º estágios: auxiliares; d) no 6º estágio: auxiliares ou afixos; e) no 7º estágio: afixos ou flexões. A proposta de Heine subsidiou a nossa análise e o entendimento do processo de GR do verbo *visar*.

3. Mecanismos do processo de GR

Em relação aos mecanismos e motivações que envolvem o processo da GR, vale ressaltar: (i) aqueles associados à mudança semântica, na qual estão contemplados os processos metafóricos na perspectiva de Heine *et al.* (1991) e Sweetser (1988, 1991); o princípio da iconicidade; e o processo metonímico; bem como (ii) aqueles relacionados à mudança morfossintática, em que se destacam os conceitos de reanálise e analogia, atuando no processo de mudança gramatical.

A iconicidade é um princípio geral e, por isso, aparece como explicação para vários fenômenos linguísticos. As relações icônicas, segundo Casseb-Galvão (1999), contrariam o princípio da arbitrariedade proposto por Saussure, pois há, no signo icônico, uma relação motivada. Dessa forma, Hopper e Traugott (1993) definem a iconicidade como a propriedade de similaridade entre um item e outro. Neves (1997) completa esse entendimento, afirmando que ela é um princípio que considera

a relação **forma e função**, ou **código e mensagem** na linguagem humana, que aconteceria de forma não-arbitrária.

Quanto ao entendimento da metáfora e da metonímia como mecanismos que ocorrem na mudança semântica, partindo da concepção semântico-cognitivista conforme Sweetser (1988) e Heine *et al.* (1991), compreendemos que a metáfora opera nos domínios conceituais e paradigmáticos, é um mecanismo motivador da GR que se associa à abstratização de significados, ou seja, atua diretamente no processo de deslizamento do domínio lexical para gramatical, ou de gramatical para mais gramatical, pois atua como veículo na transferência de significados de um domínio mais concreto para um mais abstrato.

Aproxima-se da metáfora o princípio da iconicidade, já que a metáfora é icônica, uma vez que sua atuação se baseia na semelhança ou no compartilhamento semântico entre o significado inicial e o derivado. Já a metonímia ocorre em situações mais específicas, no eixo sintagmático, e promove uma extensão gradual do significado numa direção única e contínua.

Ambas, metáfora e metonímia, devem ser compreendidas atuando de forma complementar. Num trajeto unidirecional, sinalizam o aumento da abstratização do item/construção na passagem do menos para o mais gramatical. A metáfora resolve um problema de representação, e a metonímia, problemas de informatividade e relevância na comunicação.

No processo de GR, encontramos, também, outros mecanismos envolvidos: a reanálise, que permite a criação de formas gramaticais, atuando, assim como a metonímia, no eixo sintagmático, pois uma forma reanalisada passa a pertencer a uma categoria diferente de sua origem; e a analogia, que, como a metáfora, atua no eixo paradigmático, uma vez que a inovação que acontece naquela já está prescrita no sistema.

Partindo dessas observações, podemos entender que a GR envolve mecanismos que atuam nos diferentes níveis da linguagem, resultando na abstratização do item/construção.

4. Universo da pesquisa e procedimentos metodológicos

A elaboração deste artigo provém das discussões e das análises de resultados mais amplas constantes em Moura (2016). Para tal trabalho, adotamos como *corpus* os jornais publicados no estado de Mato Grosso. Nossos dados são baseados em dois recortes temporais: (i) sincrônico, século XXI; e (ii) diacrônico, séculos XIX e XX. Para cada recorte, uma forma de coleta do material linguístico ocorreu. Na composição do recorte do *corpus* diacrônico, a coleta ocorreu na Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso (SAP/MT), localizada em Cuiabá.

Nesse lugar, nosso trabalho foi amparado no acervo microfilmado que, além dos jornais que utilizamos, é composto por relatórios de Presidentes, de Governadores de Mato Grosso, mensagem de governo, avisos imperiais, livros do Banco do Estado de Mato Grosso (BEMAT), cartórios do 1º, 2º e 5º ofícios, coletoria de Cuiabá, correspondências, gazeta oficial e diário oficial, inventários e herança. O acervo dos jornais em microfilme é formado por edições de jornais pertencentes a Mato

Grosso desde 1840 a 1929, ou seja, antes da divisão do Estado, ocorrida em 11 de outubro de 1977 pelo presidente Ernesto Geisel, momento que se passou a ter também Mato Grosso do Sul. Essa informação torna-se relevante, pois, na escolha do material para a coleta do *corpus*, tivemos que prestar atenção à cidade a qual o jornal pertencia.

Foram pesquisados, ao todo, 16 jornais, dos quais oito constituíram o nosso *corpus*, a saber: “Themis Matogrossense” (1840), “A Gazeta Cuiabana” (1847 e 1848), “Echo Cuiabano” (1850), “O Mattogrosso” (1873), “O Liberal” (1871-1878), “A Imprensa” (1911), “O Republicano” (1920 e 1950), “A Cruz” (1930-1969). A escolha por esses jornais se deu pelo fator datação, com alternância de uma década entre as suas respectivas publicações.

Já em relação ao recorte do *corpus* sincrônico, ao todo, 06 jornais foram utilizados, a saber: “24 Horas News”, “Agora MT”, “Diário de Cuiabá”, “Gazeta Digital”, “G1/TVCA”, “Primeira Hora”. A escolha desses periódicos deve-se à sua relevância no estado de MT. Desses 06 jornais, obtivemos 405 ocorrências extraídas do gênero notícia, encontradas nas mais diversas seções.

A descrição e a análise das ocorrências do verbo *visar*, em seus contextos de uso, amparam-se numa conjugação das abordagens qualitativa e quantitativa, em perspectiva funcional, a partir de critérios semânticos e pragmáticos:

- (i) traços semânticos do sujeito: se [+animado][+humano], [-animado][-humano] ou [+animado][-humano];
- (ii) traços semânticos dos complementos internos: [afetado] ou [alvo];
- (iii) uso do *visar*: [+abstrato], [-concreto] ou [+concreto].

Além desses critérios, adotamos o de frequência proposto por Bybee (2007). Essa autora sugere dois métodos de contagem da frequência, denominados como frequência *token* e *type*. A primeira, diz respeito à frequência de ocorrência do item investigado, já a segunda refere-se aos padrões de uso desse item, especificados mediante os critérios de análise.

Para Bybee (2007, p. 338), o aumento da *frequência type* constitui um indicio de GR de um item, uma vez que os itens gramaticais apresentam frequência alta, ao contrário dos lexicais. A autora afirma que a repetição frequente de uma forma tem papel importante na mudança, pois: (i) a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica pela habitualidade; (ii) à mudança fonológica através das reduções e fusões; (iii) ao enfraquecimento ou à perda de associação do item em GR com outros; (iv) à perda da transparência semântica, ocasionando a mudança de sentido do item; e (v) à perda de autonomia do item/construção, tornando-o mais enraizado na língua.

As abordagens qualitativa e quantitativa percorreram, basicamente, as seguintes etapas principais: (i) levantamento das ocorrências de *visar* em textos jornalísticos pertencentes ao gênero notícia, em contexto mato-grossense e em perspectiva sincrônica e diacrônica; (ii) descrição e análise do funcionamento sintático, semântico e pragmático dos usos do verbo *visar*, em dados do português

contemporâneo e dos séculos XIX e XX, com o controle de suas frequências *token* e *type*; (iii) a partir de (ii), proposição de um quadro ilustrativo dos diferentes usos desse item, ordenados do mais concreto até os mais abstratos, de acordo com um *cline*⁵ de aumento de gramaticalidade e GR, que enfatiza o aspecto da categoricidade de formas em GR; (iv) a partir de (iii), confirmação do princípio da unidirecionalidade e, também, dos contextos que teriam propiciado as mudanças de categoria e sentido; e (v) proposta de relações entre os resultados das descrições sincrônica e diacrônica e o processo de GR de *visar*.

Para esse trabalho, reportamo-nos a um levantamento etimológico de “visar” e, com base nessa pesquisa, percebemos que o verbo *visar* tem a sua origem numa acepção mais concreta, “dirigir o olhar para lançar algo numa direção”, e, a partir dela, adquire outros sentidos, menos concretos, como “ter por objetivo”, revelando usos cada vez mais abstratizados, como podemos observar nos exemplos de (01) a (05), abaixo, em que o primeiro representa um uso de *visar* mais concreto e o último, por conseguinte, um mais abstrato:

- (01) As crianças visavam a tela do cinema atentas.
- (02) O arqueiro concentrado visava o alvo.
- (03) O caçador visava com a arma.
- (04) O time visava ao título de campeão.
- (05) O projeto visa beneficiar a sociedade.

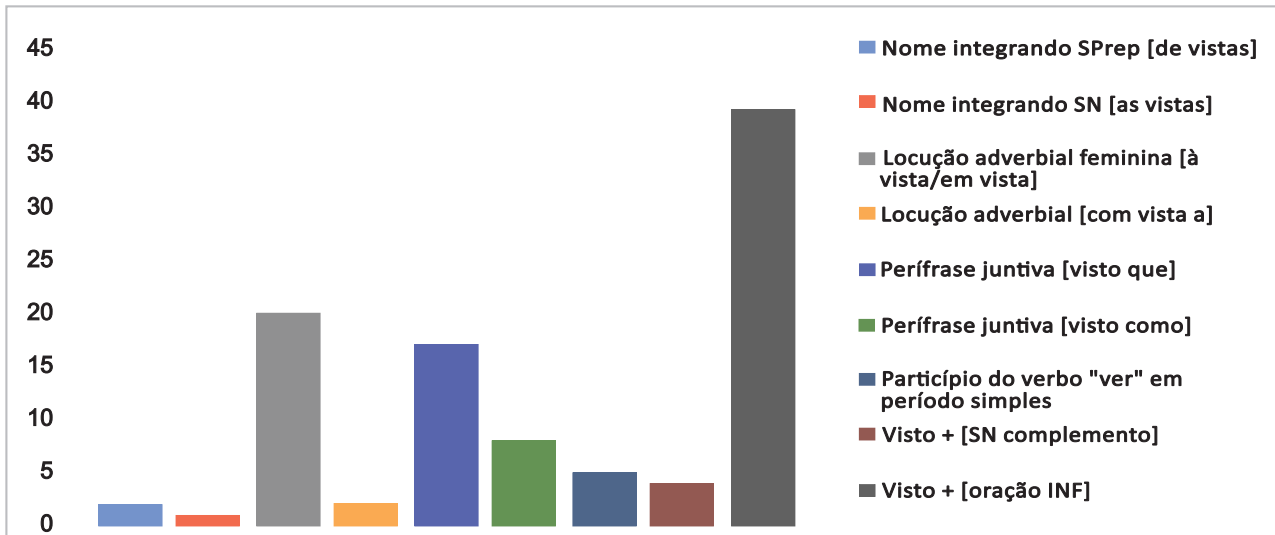
Em (01), *visar* aparece no sentido de “olhar fixamente”, em (02) e (03) adquire o sentido de “mirar”. Nos exemplos em (01) e (02), *visar* é um verbo que recruta, como complemento interno, um objeto direto, ou seja, trata-se de um verbo transitivo direto. Em (03), temos um exemplo de *visar* como um verbo intransitivo, acompanhado de um adjunto de natureza instrumental. Em (04), é um verbo transitivo indireto, recrutando um objeto indireto como argumento interno, com acepção de “ter por objetivo, almejar”. Por fim, em (05), *visar* se apresenta na construção, *visar* + *infinitivo*, como um verbo auxiliar, agregando sentido de futuridade. Essa construção deriva de seu uso com argumento interno oracional, no qual apresenta o sentido de “ter por objetivo, meta”.

A pesquisa à amostra dos jornais mato-grossenses do período entre 1840 a 1911 revelou baixa frequência de usos do verbo *visar*, apenas 3. Diante desse resultado, voltamos o nosso olhar para construções que traziam termos relacionados à sua etimologia. Nessa perspectiva, chamamos a atenção para os usos, destacados, do verbo *ver*; relacionados aos de *visar* pela proximidade de sentido, tais como: (i) dirigir à vista ou olhar fixamente para; e (ii) mirar. Esses usos mostraram-se recorrentes,

⁵ *Cline* ou *continuum* é a indicação de que a mudança ocorre de forma unidirecional e gradual. Pressupõe, única e exclusivamente, a noção de categorias não discretas, que refletem a gradualidade sincrônica e diacrônica da mudança experimentada via GR, eliminando, portanto, qualquer espécie de separação clara entre itens/construções lexicais e gramaticais, suas categorias e funções (LOPES-DAMASIO, 2008, p. 20).

em diferentes codificações sintáticas, no *corpus* investigado, nesse período que as ocorrências com *visar* foram poucas, em que as ocorrências de *visar* foram encontradas com baixa frequência. A seguir, o gráfico 1, apresenta a sistematização dessas frequências:

Gráfico 1: Frequência de ocorrências de *visto*



Fonte: elaboração das autoras

Comparando as ocorrências de *visto* com as de *visar*, encontradas no mesmo recorte temporal, em meados do século XIX e início do século XX, percebe-se a grande diferença na frequência de uso, uma vez que a de *visto* ultrapassa 90% e *visar* fica abaixo de 10%.

A comparação entre as frequências *tokens* desses dois itens, no mesmo recorte temporal, corrobora a afirmação de Bybee (1999) sobre o valor da frequência no processo da GR. Em outras palavras, podemos sugerir que, nesse intervalo, o processo de mudança de *visar* ainda não estava implementado, o que encontra justificativa, ainda, na natureza das três ocorrências de *visar*, encontradas nesse ínterim, associadas ao sentido mais concreto e à categoria de verbo pleno, assim como pode ser verificado em (06), mais adiante.

A correlação das acepções de *visar* com os usos diacrônicos de *visto* sugere-nos a hipótese de que, no momento em questão, os usos mais gramaticalizados de *visto*, especificamente como em: “Pelas razões apresentadas na discussão ao Snr. Presidente por á votos, se a questão era objeto de deliberação, foi resolvido pela negativa **visto estar** já providenciado pela Lei Provincial accima citada” [TMT-01-04-1840], apresentam coerência categórico-funcional com aqueles que serão constatados em relação a *visar*, em período subsequente. Em outras palavras, tanto *visto* quanto *visar* ocorrem em contexto de orações infinitivas, formando uma construção em que sua função é de auxiliar. Dada essa coerência, explica-se a frequência elevada da construção com *visto* em detrimento da frequência da com *visar*, no recorte temporal.

5. Os *types* de “*visar*” numa abordagem pancrônica

Com o objetivo de ilustrar os estágios de GR, empreendemos uma apresentação dos usos do verbo *visar* em padrões funcionais, de acordo com os resultados analíticos em recorte diacrônico e sincrônico. Segundo Bybee (2003), essa metodologia garante o controle mais adequado da produtividade/frequência dos usos, bem como, a partir desse controle, possibilita enxergar possíveis indícios de GR.

5.1. *Visar* 1: [SN (+animado/+humano) *visar* (VTD) (olhar) SN (afetado)]

O *Visar* 1 é um verbo pleno, pois é núcleo de predicação. Esse verbo é transitivo direto, ou seja, não há preposição entre ele e o seu complemento. Seleciona dois argumentos obrigatórios: um argumento externo, sujeito agente, com os traços [+animado] e [+humano] que exerce uma atividade: “olhar”, tendo assim, um sentido [+concreto]; e um argumento interno, o complemento afetado (aquilo que é visado/olhado) que é um sintagma nominal, assim como podemos perceber no exemplo:

- (06) Um superior como o que fica debuxado, no quadro precedente e por entre cujas sombras não deixarão os leitores de *visar* o vulto angelico, majestoso e imponente, desse ancião venerável, no qual vê o clero cuiabano seu chefe, os súbditos obedece, adorão, idolatrão em cumprem sem exame e sem reflexão, as ordens e determinações, por que sabem que ellas não podem deixar de trazer o cunho da justiça [OL-19-02-1874].

Essa é a única ocorrência do *Visar* 1 encontrada em nosso *corpus* diacrônico, representando 1,42% do total das ocorrências de *visar* nesse recorte. Destacamos, portanto, que não constatamos ocorrências desse *type* nos dados investigados em perspectiva sincrônica, o que já nos permite sugerir que, com o desenvolvimento de outras novas funcionalidades, com base em novos traços semântico-sintáticos, esse primeiro uso, fonte, já não se reflete no português contemporâneo, obviamente, no recorte (tipo de texto) que investigamos.

5.2. *Visar* 2: [SN (+animado/+/-humano) *visar* (VTI) (ter como objetivo) SP (alvo)]

Este *type*, assim como o anterior, tem o seu uso prescrito pelos dicionários e gramáticas da Língua Portuguesa. Vejamos abaixo a ocorrência deste *type* encontrada em nosso *corpus* diacrônico:

- (07) O pai de família sendo exemplo, há de admoestar com amor, mostrando que *visa* ao bem dos seus. [AC-02-11-1958]

Das 70 ocorrências de construções diacrônicas com *visar*, 3 pertencem a este *type*, num total de 4,28%. Não foi encontrada, na sincronia, nenhuma ocorrência referente a esse *type*.

5.3. *Visar* 3: [SN (+animado/+/-humano) *visar* (VTD) (dirigir a vista para) SN (afetado)] e [SN (+animado/+/-humano) *visar* (VTD) (ter como objetivo) SN (alvo)]

Neste *type*, encontra-se a co-ocorrência de sentidos de *visar*: [+concreto] e [-concreto]. Os usos de *visar* significando “dirigir a vista para” representam uma acepção que está diretamente

ligada ao mundo bio-psíquico-social, então, mais concreta⁶. Classificamos neste *type*, também, a característica [-concreto] ao sentido do *visar*, significando, assim, “ter com objetivo”. Na diacronia, foram encontradas 4 (5,71%) ocorrências em configurações com sujeito [+animado] e [+/-humano] e SN complemento alvo – portanto, sem preposição entre o verbo e seu complemento –, tal como podemos observar abaixo:

- (08) Reuniram-se, na última noite de maio, trabalhadores com Dom Jorge Marcos, Bispo de Santo André, para lançar, no Sindicato dos Metalúrgicos, as bases da Frente Nacional Trabalhista Cristã, que **visa** uma nova liderança sindical, a fim de combater os grupos extremistas e pelegos sindicais. [AC-30-06-1960]

Já no *corpus* sincrônico, 07 ocorrências enquadram-se neste *type*, ou seja, apenas 1,73%. Essas aparecem em apenas dois dos seis jornais que constituem a amostra sincrônica investigada, por isso, o uso pode ser interpretado como uma escolha estilística do escrevente:

- (09) O objetivo do atleta mato-grossense vai além de seu aperfeiçoamento e preparação física, o atleta **visa** a expansão do judô, que para ele é muito mais que um esporte. [GD/Ev03-02-2014]

Neste *type*, encontramos, também, *visar* desempenhando uma função ambígua, na qual o item estudado apresenta o sentido mais concreto de “olhar para”, e, concomitantemente, pode, igualmente, sugerir o significado “ter como objetivo”, menos concreto. Em *Visar 3* e, especialmente, nessa ambiguidade, estão a comprovação histórica da hipótese de mudança de sentido no uso de *visar*. Vejamos:

- (10) [...] e dissuadindo-os de quaisquer infundados preconceitos quanto aos objetivos do Governo, que não **visa**, com a indagação projectada, o levantamento de novos impostos, nem a collecta de elementos que facilitem o sorteio militar. [OR-02-12-1920]

O verbo *visar*, nessa ocorrência, apresenta usos ambíguos, significando “olhar para e/ou ter por objetivo”. Heine e Reh (1984) denominam esse processo de *Split*. Dessa forma, tanto podemos interpretar: (i) [...] aos objetivos do governo, que não **olha**, com a indagação projectada, o levantamento de novos impostos [...]; (ii) [...] aos objetivos do governo, que não **tem por objetivo**, com a indagação projectada, o levantamento de novos impostos [...].

Como argumento externo, *visar* recruta o SN “o governo”, constitutivo do SP “aos objetivos do governo”, que pode ser classificado como [+animado] e [+/-humano], uma vez que se entenda por “governo” todas aquelas pessoas que governam – ou seja, há aí, ainda, características de extensão contextual, relativa ao traço semântico da animacidade. Esse sentido ambíguo ocorreu em 5 construções todas encontradas no *corpus* diacrônico, perfazendo, assim, 7,14% das ocorrências diacrônicas.

⁶ Em nosso *corpus* (sincrônico e diacrônico), não encontramos, em *Visar 3*, exclusivamente o sentido mais concreto, porém, esse uso é atestado em gramáticas e dicionários, como observa-se no exemplo retirado de Abreu (2006): “O contratorpedeiro Seafish manobrou o canhão de ré, visando a linha d’água do navio inimigo”. Percebe-se que *visar* aparece no sentido de dirigir o olhar para fazer pontaria, empregado no gerúndio, recrutando, como argumento externo, o SN “O contratorpedeiro Seafish” e, como argumento interno, o SN “a linha d’água do navio inimigo”.

Sweetser (1991) afirma que, na diacronia, o sistema metafórico é responsável pela emergência de formas polissêmicas, ou seja, a metáfora é responsável pela transferência de significados, na qual parte do significado concreto “olhar para” contribui para um significado mais abstrato “ter como objetivo”. Esse salto de significado se dá por meio da contiguidade, ou seja, a partir de contextos que permitem a constatação de ambiguidades por proximidade conceitual, via metonímia, capaz de captar a gradualidade desse processo de mudança semântica que acompanha e é imprescindível para o processo de GR de *visar*.

No caso do nosso objeto de estudo, *visar*, significando “olhar, mirar”, mais próximos à experiência física do falante, sendo assim mais concreto, passa por um estágio de polissemia, no qual acontece a mudança semântica que resulta em outra acepção do verbo, a de “pretender, almejar, ter por objetivo”, associada ao contexto do ato de fala, portanto, mais abstrata.

O gatilho dessa mudança acontece quando *visar* tem a acepção de “mirar”, como no seguinte exemplo: “(i) O arqueiro **visou** o alvo e atirou”. Percebe-se, a partir desta frase, com referentes pertencentes ao contexto concreto, que para “mirar”, faz-se necessário “olhar”, de maneira fixa, o alvo com o intuito de atingi-lo com alguma coisa, no caso do exemplo, a flecha. Através da manipulação conceitual, metafórica e metonímica, a aproximação de significados transfere para o verbo a ideia de projeção futura, uma vez que a ideia de “olhar” contida em *visar* depreende de um olhar sempre com um foco, uma meta.

Na categoria processo, temos *visar* significando “olhar”, mais concreto; na categoria tempo, sua acepção é de futuro, menos concreto; e em qualidade, ele será mais abstrato, significando “ter por objetivo”.

Sendo assim, *visar*, significando “mirar” (exemplo i), a partir de usos metafóricos, desenvolve uma nova acepção, significando polissemicamente “olhar / ter por objetivo” em decorrência dos contextos de uso. Com o tempo, porém, a partir da frequência de uso de *visar*, o uso mais concreto pode dar lugar ao novo, aquele mais abstrato ou as duas formas poderão conviver sem necessariamente uma ser extinta.

5.4. *Visar* 4: [SN (+animado/+humano) *visar* (VTD) (ter por objetivo) Oração (alvo)]

A estrutura deste *type* é quase igual à do anterior. A diferença consistirá no complemento oracional que, neste caso, não aparece preposicionado. Apenas dois dos dicionários pesquisados trazem essa possibilidade de uso, em que, com a acepção “ter como objetivo”, pode ser usada com essa regência. Porém, trazem esse uso, ainda, como nota da regência da acepção transitiva indireta, ou seja, como uma variação daquela. Vejamos, a seguir, a ocorrência extraída do *corpus* diacrônico, um exemplo prototípico desse *type*:

- (11) Não ha lei alguma o creando, ato siquer do Intendente autorizando a sua fundação; é um fructo espurjo da cachola do tenente Mello que só **visa** arrancar do povo mais alguns mil réis de cada rês abatida. [OR-07-03-1920]

Já o exemplo, seguinte, diferencia-se do anterior, pois apresenta materiais intercalados entre o predicado e o argumento interno.

- (12) O operoso deputado Paes de Oliveira **visa**, por via do presente projecto de lei, limitar o numero de pedido de reconsideração no fôro administrativo [AC-12-10-1930]

A explicativa intercalada entre o verbo e seu objeto oracional, mostra-nos que ainda há um afastamento, tanto semântico quanto sintático entre esses dois elementos, o que indica não se tratar de uma construção “visar + infinitivo” altamente cristalizada.

As ocorrências que preenchem as características de *Visar 4*, na diacronia, correspondem a 5,71%, dentre as quais, formas, como a apresentada acima, compõem 33,33%, são exemplos não prototípicos deste *type* uma vez que apresentam material intercalado entre o predicado e o objeto.

Na sincronia, foram constatadas 07 ocorrências deste *type*, equivalentes a 1,73% de todas as ocorrências de *visar* no *corpus* nessa perspectiva:

- (13) Diamantino **visa** explorar seu charme histórico e cultural. [DC/Tur-15-09-2014]

Temos, nessa frase, um SN “Diamantino”, exemplo de oração com grau fraco de entrelaçamento do sujeito, pois apresenta os traços [+explicitude do sujeito] e [-correferencialidade]. Segundo Lehmann (1988), esse parâmetro indica que, quanto maior for o entrelaçamento dos sujeitos, no complexo oracional, maior o compartilhamento de elementos e mais as sentenças encontram-se num grau forte de integração sintática. A oração “explorar seu charme histórico e cultural” é o complemento interno de *visar*. A forma não finita dessa oração, como complemento do predicado, tal como já apresentamos em outras ocorrências, pode indicar, segundo Lehmann (1988), a GR do verbo da matriz. Em relação a essa ocorrência o argumento externo “Diamantino” recebe, também de acordo com o contexto, os traços de [+animado] e [-humano].

Neste *type*, assim como vimos em *Visar 3*, apareceram usos que co-ocorrem (4 ocorrências), ou seja, no mesmo trecho de texto, o autor utiliza mais de uma forma de empregar o verbo em estudo. Em outras palavras, além deste *type* (*Visar 4*), ele também emprega o *Visar 8* (como veremos mais adiante). Entendemos que este *type* enquadra-se no segundo estágio proposto por Heine (1993), em que *visar* associa-se a verbos não finitos e o sujeito de ambos os verbos é o mesmo.

5.5. *Visar 5*: [SN (-animado/-humano) *visar* (VTI) (ter por objetivo) SP (alvo)]

A partir deste *type*, o sujeito será classificado como [-animado] e [-humano]. Cezario (2001, p. 88), especificamente sobre o traço [-animado], assevera que “um ser inanimado como sujeito da cláusula subordinada aumenta a integração entre os eventos codificados na cláusula principal e na subordinada”, uma vez que os referentes inanimados não são capazes, normalmente, de quebrar a cadeia tópica, ou seja, a atenção não é desviada. Sendo assim, o tópico pode ser representado por uma anáfora zero, fato que dificilmente ocorrerá quando se tratar de referentes animados. Heine *et al.* (1991), em relação ao que esse traço revela sobre o processo GR, afirmam que, se existirem duas

categorias e a diferença entre elas for a animacidade do sujeito, aquela que for [-humano] poderá ser considerada mais gramaticalizada que aquela categoria com o sujeito [+humano]. Utilizamos essa compreensão para diferenciarmos os padrões subsequentes, que apresentam esse traço, dos anteriores.

Sendo assim, este *type* apresenta os traços semânticos do argumento externo: [-animado] [-humano], o que faz com que esse *type* se encontre no terceiro estágio do processo de GR proposto por Heine (1993). Para o autor, isso ocorre devido às restrições de seleção adquiridas pelo verbo. O predicado, num sentido mais abstrato, com a acepção “ter por objetivo”, aqui, une-se ao seu argumento externo, passando a constituir uma unidade semântica. Os complementos do verbo, neste *type*, são SPs alvos da ação, tal como exemplificam as ocorrências diacrônicas abaixo:

- (14) A construção de Brasília **visa** a esse objetivo: levar para o centro do país atividades que desenvolvam a sua economia e integram na comunhão brasileira de dois terços do território nacional, ainda que inexploradas>>, declarou o presidente da República em recente discurso. [AC-02-02-1958]
- (15) [...] por-quanto na prática essa criação se desviara inteiramente de seus nobres fins, para **visar** unicamente ao interesse pecuniário do inspetor geral das aulas, autor de dito regulamento, e um dos professores do referido lycêo (...) [OL-09-05-1878]

Em (14), temos uma ocorrência prototípica desse *type*. Dois aspectos merecem destaque nesse contexto: (i) percebe-se, após esse SP, a oração “levar para o centro do país atividade que desenvolvam [...]”. Essa contiguidade co-textual revela alguns traços de GR em curso: além de as duas orações compartilharem o mesmo sujeito e o mesmo tempo verbal, caracterizando, respectivamente, menor explicitude do sujeito e maior correferencialidade, a ocorrência contígua das duas construções – SP e oração reduzida de infinitivo – revela uma proximidade que favorecerá a constituição de padrões mais gramaticalizados, conforme apresentaremos na sequência, favorece a mudança via metonímia e reanálise categorial; (ii) o SN, argumento externo, “A construção de Brasília”, que funciona como sujeito do predicado constituído por *visar*, não permite uma interpretação em que é possível derivar os traços de animacidade e humanidade, tal como propusemos em padrões anteriores, o que também indicia traços do processo de mudança semântico-categorial de *visar*:

A ocorrência (15) não é prototípica de *Visar 5*, porque apresenta o advérbio “unicamente” entre o predador e o seu objeto, distanciando-os e mostrando, assim, estágio anterior de GR em comparação com o exemplo contido em (15). Das 7 ocorrências pertencentes ao *corpus diacrônico* encontradas neste *type*, 57,17%, equivalente a 4 ocorrências, apresentam o advérbio como material interveniente; ou seja, diferente do que veremos no *Visar 6*, neste, a construção prototípica é menos utilizada.

Dentre as ocorrências coletadas na sincronia, 12 revelaram as características deste *type*, equivalendo a 2,96% do total das ocorrências de *visar* nessa perspectiva:

- (16) Projeto **visa** à revogação de aumento. [...]O parlamento acrescenta que, além de vetar o aumento da taxa, o novo projeto também **visa** revogar a elevação da alíquota da energia rural, que passou de 29% para 30%. [DC/Pol19-04-2012]

Este *type* coexiste com outra construção de *visar*, a saber, *Visar 8*, conforme apresentaremos na sequência, comprovando que, na GR, a mudança não é abrupta, as construções coexistem e podem permanecer à disposição das necessidades comunicativas do escrevente/usuário da língua. Percebe-se como as construções “visa à revogação”/ “visa revogar” são utilizadas em alternância pelo sujeito, e, além disso, como, num mesmo recorte sincrônico, temos refletidos estágios distintos da mudança experimentada pelo item, em direção à construção que caracterizará o *type 8*, em que o complemento preposicional SP, formado pela preposição “a” + o SN “a revogação”, cujo nome, de natureza verbal, aparece também complementado, passa a funcionar como complemento de natureza verbal, propriamente dita, “visa + revogar”. Com isso, identificamos que um possível elo fundamental para a passagem desse *type 5* para a construção mais gramaticalizada é exatamente a condição de se ter um nome verbal que é substituído por um verbo, dentro de uma construção que se cristaliza com o tempo.

5.6. *Visar 6*: [SN (-animado/-humano) *visar* (VTD) (ter como objetivo) SN (alvo)]

Temos aqui como sujeito um SN com os traços [-animado] e [-humano], *visar* com o sentido [+abstrato] de “ter por objetivo” e o seu complemento é um SN alvo. Trata-se, portanto, de um uso em que, além da perda dos traços de animacidade e humanidade do sujeito, constata-se também a perda do uso da preposição, em que verbo e complemento ligam-se, transitivamente, de forma direta. Foram encontradas 14 ocorrências desta construção, correspondentes a 20% de todos os usos de *visar* na diacronia. Vejamos, na ocorrência, abaixo, um uso prototípico deste *type*:

- (17) A estatística empreendida **visa** a demonstração da nossa força, do nosso trabalho e do nosso progresso, em benefício da pátria comum. [OR-02-12-1920]

Neste *type*, em todas as ocorrências em que foi observada a presença de material intercalado, entre predicado e complemento sua natureza é adverbial. Como no exemplo:

- (18) A criação deste pólo tecnológico **visa**, principalmente, a geração de oportunidades e empregos, com o desenvolvimento mais acelerado das atividades produtivas e com a geração de postos de trabalho pelo surgimento de novas empresas”, externa o autor do projeto. [AMT/Pol-02-09-2014]

Esse aspecto reporta-se à questão da iconicidade relativa ao princípio da proximidade: quanto mais distante, estruturalmente, está uma oração da outra ou de seu complemento, também assim se encontram no aspecto semântico. Além disso, quanto mais gramaticalizada é uma construção, menor é a probabilidade de ocorrências de material linguístico que “quebre” sua unidade enquanto construção cristalizada.

5.7. *Visar* 7: [SN (-animado/-humano) *visar* (VTI) (ter por objetivo) Oração(alvo)]

Aqui, encontraremos as seguintes características: o sujeito será [-animado] e [-humano], *visar* terá um uso [+abstrato], com sentido de “ter por objetivo” e, como um verbo transitivo indireto, recrutará uma oração precedida de preposição para completá-lo. Essa construção aparece 7 vezes no *corpus* diacrônico, dando-nos um total de 10% de todas as ocorrências encontradas na diacronia. Vejamos o exemplo prototípico desse *type*:

- (19) A medida da direção da referida empresa **visa** a atender centenas de pedidos de ligação. [AC-19-11-1960]

Na sincronia, foram constatadas 18 ocorrências deste *type* no *corpus*, equivalendo a uma porcentagem de 4,44%. Vejamos:

- (20) A solicitação **visa** a verificar a qualidade dos serviços prestados pela contratada. [GD/Econ-30-12-2013]

5.8. *Visar* 8: [SN (-animado/-humano) *visar* (VTD) (ter como objetivo) Oracional (alvo)]

Neste *type*, as construções apresentam as características de um sujeito composto por um SN [-animado] e [-humano], com *visar* tendo um uso [-concreto] e recrutando uma oração como objeto direto, ou seja, sem o uso da preposição. Trata-se, pois, de uma relação transitiva em que o uso da preposição deixa de ser observado, em contexto similar ao do *type* anterior.

Foram constatadas 24 ocorrências de *Visar* 8, no recorte diacrônico, correspondentes a 34,28% de todo o *corpus*, o que permite afirmar que este *type* representa a escolha mais utilizada pelos escreventes na amostra investigada, nessa perspectiva. Vejamos um exemplo:

- (21) A campanha **visa** realizar o ideal cristão da família, solucionar problemas a ela referentes e defende-la dos perigos e ameaças que a cercam [AC-03-03-1957].

Esse exemplo é a forma prototípica deste *type*. Vale destacar que, apesar de termos considerado esses como os usos mais prototípicos do *type* em questão, não estamos diante da construção “*visar* + infinitivo”, conforme mostraremos em dados da sincronia atual, uma vez que há a possibilidade de coordenação de mais de uma estrutura oracional, tal como exemplificado anteriormente. Na diacronia, temos, no entanto, a forma que abre caminho para o desenvolvimento da construção a partir da cristalização via frequência de uso.

Este *type* também apresentou usos, menos prototípicos, com material intercalado, em todos os casos o advérbio, entre o verbo e o seu complemento oracional, e com o próprio verbo *visar* encaixado em relativa; essas formas totalizaram 12,5% de todas as encontradas.

Já na sincronia, das 405 ocorrências encontradas desse verbo, 291, equivalentes a 71,85%, enquadram-se neste formato, ou seja, a maioria das ocorrências:

- (22) Folhetos com dicas de prevenção estão sendo distribuídos. A operação “Saque Seguro” começou no ano de 2011 **visa** dar maior segurança a população neste período em que ocorre pagamento dos funcionários públicos e aposentados, onde ocorre maior circulação de pessoas com valores neste período em toda Capital. [AMT/Des>Pol-30-04-2014]

Temos, nessa oração, um uso prototípico de *Visar* 8, no qual o SN “A operação ‘Saque Seguro’” funciona como argumento externo ao predicado verbal e a oração “dar maior segurança à população neste período” como argumento interno, não preposicionado. Percebe-se o sujeito com menor grau de explicitude, com maior correferencialidade e constituído por uma anáfora zero, porém possível de ser resgatado no contexto, constituído, por sua vez, pela coordenação por justaposição, além de marcado pelas características semânticas [-animado] e [-humano]. Ainda sobre o critério de entrelaçamento de Lehmann (1988), percebemos, também, que há correlação entre a oração principal e a subordinada quanto ao aspecto modo-temporal “visa-dar”.

Correlacionamos este *type* ao quarto estágio de GR de verbos de Heine (1993), uma vez que nessa construção não há a possibilidade de formação de imperativos ou de apassivação, os núcleos dos complementos não são mais nomes e, devido à formação de perífrase, o verbo subordinado, na maioria dos casos, aparecerá no infinitivo. É exatamente esse *type* que se cristaliza na construção “visar + infinitivo”, no uso considerado mais gramaticalizado. Veja a ocorrência, a seguir, que se diferencia do prototípico:

- (23) Denominado “AmbientAÇÃO”, o programa da AL/MT envolve os servidores do poder Legislativo Estadual em ações que **visam** reduzir, reutilizar e reciclar dentro do próprio órgão, que conta como uma oficina de reciclagem. [24HN/Esp-29-11-2012]

Acima, temos o exemplo do SN “ação”, como argumento externo da construção relativa em que *visar* encontra-se encaixado. Esse verbo é, por sua vez, complementado, internamente, pela oração “reduzir”, que se coordena a “reutilizar” e “reciclar”. Encontramos 77 ocorrências, em nosso *corpus*, de oração encaixada em relativa, o que corresponde a 26,46% de todas as ocorrências deste *type*.

- (24) Evento **visa** que educador olhe criança em sua perspectiva. [24HN/Esp-05-11-2012]

Na ocorrência acima, temos o sujeito formado pelos SNs “Evento”, [-animados] e [-humanos], e como complemento de *visar* a oração desenvolvida “que educador olhe criança em sua perspectiva”. Esse tipo de uso foi encontrado apenas em duas ocorrências, totalizando 0,68% de todas as ocorrências de *Visar* 8. Vale enfatizar que somente nesse *type* encontramos orações desenvolvidas completando o verbo *visar*, representando um grau de entrelaçamento menor.

- (25) Conforme Pedro Pelizer, inspetor da Polícia Rodoviária Federal, a operação durante o carnaval, **visa** não só reduzir o número de acidentes de trânsito nas rodovias. [G1/MT>Not-20-02-2012]

Nota-se, nesse exemplo, que a construção é precedida de “não só”, único caso observado no *corpus* (0,34%). Como já dito anteriormente, a ocorrência desses materiais indica menor grau de GR da cláusula, uma vez que, semântica e estruturalmente, as orações principal e subordinada encontram-se mais distantes, ou seja, a construção ainda permite a interveniência de material intercalado, o que indica seu “processo de cristalização em curso”.

- (26) Faltando um dia para o início da Copa do Mundo no Brasil, manifestações são organizadas em Cuiabá. Duas delas acontecem nesta sexta-feira (13) em pontos distintos. Uma tem como objetivo protestar contra as obras inacabadas e a outra **visa** lutar por um país mais justo e menos desigual. [GD/Cid-11-09-2014]

Nota-se uma anáfora pronominal no SN sujeito “a outra”, referindo-se ao substantivo “manifestações”, e, como argumento interno, a oração “lutar por um país mais justo e menos desigual”. Na oração, “Uma tem como objetivo protestar contra as obras inacabadas”, o escrevente utiliza o substantivo “objetivo” e, na próxima oração, para evitar a repetição da palavra, opta por *visar*, evidenciando, assim, o valor semântico com que o escrevente emprega o verbo em estudo.

- (27) O objetivo **visa** dar celeridade e qualidade no atendimento médico às pessoas que procuram uma Policlínica, Unidade de Pronto Atendimento (UPA) ou Pronto-Socorro (PSMC). [GD/Pol-15-10-2011]

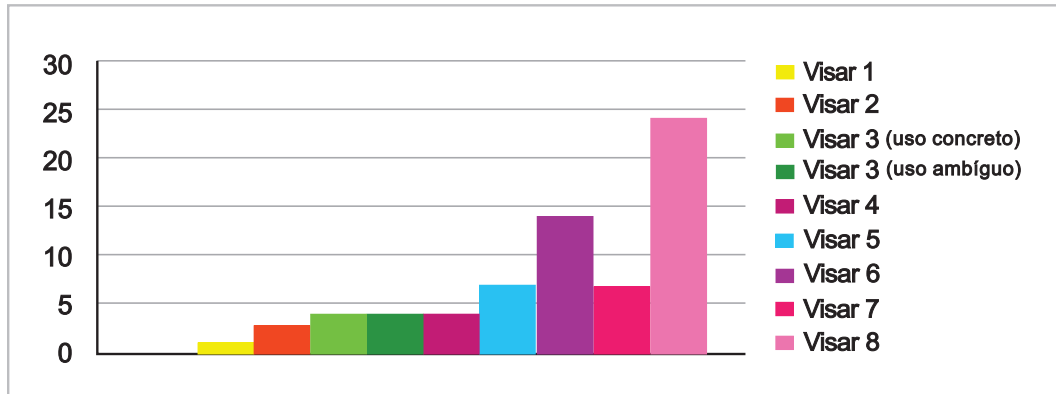
Nessa construção, o sujeito “o objetivo” e o *visar*, significando “ter como objetivo”, mostram sentidos que se repetem. É exatamente esse contexto, em que o sentido mais gramaticalizado de *visar* já se encontra presente no SN sujeito, que permite a emergência de um outro sentido e de uma outra funcionalidade para a construção em que no verbo se encontra, a saber, a marcação de futuridade na perífrase em formação “visa dar”. Trata-se de um exemplo de “desbotamento semântico”⁷ de um sentido “ter como objetivo” que se soma a outro, o de “futuridade”, num uso mais gramaticalizado. Nesse caso, o complemento de *visar*, a oração “dar celeridade e qualidade no atendimento médico às pessoas que procuram uma Policlínica (...)”, tem seu verbo, na forma infinitiva, migrando, num processo de reanálise, que permite a emergência da perífrase somada à marcação de futuridade.

5.9. Aspectos gerais sobre os usos de *visar*

A seguir, nos gráficos 2 e 3, apresentamos a quantidade de ocorrências encontradas em cada *type* apresentado nas subseções anteriores:

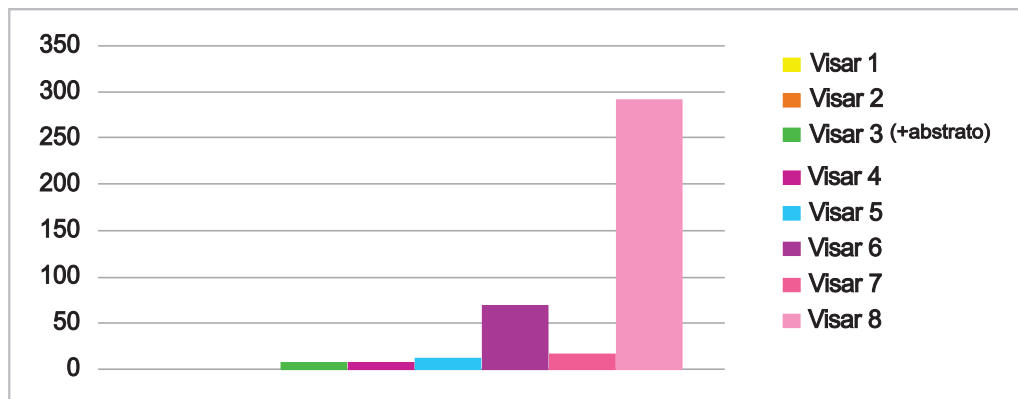
⁷ Característica de desvanecimento e abstratização semântica envolvidos nos processos de GR, em que um conceito fonte, que carrega consigo o significado completo, ao final do processo de GR, encontra-se reduzido, isto é, as especificidades semânticas de sua fonte tornam-se esvaziadas ou desbotadas (HEINE *et al.*, 1991).

Gráfico 2: Ocorrências de *visar* na diacronia



Fonte: elaboração das autoras

Gráfico 3: Ocorrências de *visar* na sincronia



Fonte: elaboração das autoras

Ao analisarmos os gráficos 2 e 3, percebemos, a partir dos números das ocorrências neles apresentados, o que Haiman (1991 *apud* HOPPER; TROUGOTT, 1993) afirma sobre o processo de GR, salientando que esse é um processo de rotinização da língua. Uma forma ou combinação de formas ocorre, no discurso, com frequência crescente e, começando como uma forma não usual de fazer ou reforçar um ponto do discurso, passa a ser um meio usual e não marcado de desempenhar esse papel.

Dessa maneira, a frequência com que tais expressões ocorrem será um fator que determina se a forma passa ou não a ser considerada gramatical pela comunidade de fala. Bybee (2010), nesse mesmo prisma, afirma que, quanto maior for a frequência de um item/construção, mais ele terá a probabilidade de ampliar o seu espectro funcional. Comparando os dois gráficos, notadamente conseguimos perceber a assertiva dessa autora sobre a frequência de uso, pois é a partir do aumento do uso da construção que as mudanças ocorrem, ou seja, os resultados da análise aqui apresentados mostram que a mudança funcional está atrelada ao aumento das ocorrências do verbo *visar*.

Considerações finais

Neste trabalho, realizamos uma análise sintático-semântico-pragmática do item *visar* num caminho de mudança de seu estatuto categorial, saindo de um verbo pleno e adquirindo traços de perífrase na marcação de intencionalidade/volição, perpassada por uma projeção de tempo futuro.

Utilizamos como *corpus*, para tal investigação, os jornais publicados no estado de Mato Grosso em dois recortes temporais, a saber: sincrônico, século XXI, e diacrônico, séculos XIX e XX. A complementação entre esses dois recortes, perspectiva pancrônica, nos possibilitou, não somente observar as polissemias e multiplicidade de formas e funções apresentadas pelo objeto de estudo, como, também, comprová-las na história da língua e traçar um trajeto de mudança percorrido por *visar*. Sendo assim, entendemos que as mudanças que ocorrem na língua provêm das necessidades comunicativas, é no falante/escrevente a partir de suas necessidades e intenções de comunicação que surgem as mudanças.

A partir do levantamento etimológico de *visar* e dos usos catalogados e analisados, a explicação cognitiva para o processo e os usos de *visar* identificam-se com o fato de esse verbo, com o sentido de “ter por objetivo”, ter surgido da palavra francesa *viser*, tendo o primeiro registro no ano de 1160, com o significado especificamente de “dirigir o olhar em direção a um alvo para lançar algo nesta direção”.

Correlacionamos a essa etimologia, o que Meillet 1948 [1912] registrou, em seus estudos sobre o *bleaching* semântico: a fonte, aqui representada pela forma e significado originais de *visar*, mais concretos (*olhar* = *mirar* um *alvo* = *objeto concreto* específico), reflete uma ação humana elementar, “olhar”, e de, a partir desse olhar, “mirar um alvo”, também concreto. Esse significado fonte dá origem ao significado da forma-alvo, “ter por abjetivo”, pois entendemos que, quando há algo a ser almejado, volta-se o olhar, o desejo de conquistar tal coisa e, para isso, lança-se à ação para obtê-la. Há, portanto, a passagem de um sentido mais concreto e básico, para outro mais abstrato e cognitivamente complexo, por meio de mudanças fundamentais nos aspectos estruturais e semânticos do contexto de usos do item, até alcançar a construção “*visar* + infinitivo”, em co-textos em via de cristalização e altamente recorrentes, que contribuem para o sentido ainda mais abstrato de volição, apontando para uma possível inferência de futuridade.

Partindo desse deslizamento semântico, as ocorrências de *visar*, classificadas em oito *types*, foram analisadas e distribuídas num *continuum* entre os seus diferentes usos e acepções, partindo do mais concreto (*Visar 1*) em direção ao mais abstrato (*Visar 8*). Nos quais *visar*, no primeiro estágio, é um verbo pleno, tendo um significado concreto que recruta como argumento externo um sujeito agente [+humano] e [+animado] e um argumento interno que recebe a ação. Já no último, o item tem significado abstrato e recruta como sujeito nomes [-humanos] e [-animados] e se une a orações no infinitivo, formando uma construção com marcações de volição em contexto que permite inferência de futuridade.

Nesse percurso, do mais gramatical para o mais abstrato, *visar* passa por várias pequenas mudanças, como apresentamos na seção de análise, comprovando que as mudanças na língua não são abruptas, são graduais. Destaca-se, nesse longo trajeto, o *Visar 3*, ponto em que se observa a ambiguidade de sentido, *type* em que encontramos a atuação da metáfora e da metonímia, responsáveis

pela transferência de significados. Observamos que o significado mais concreto de *visar*, “dirigir a vista”, contribuiu para um significado mais abstrato “ter como objetivo”. Entendemos que esse salto metafórico de significado se deu por meio da contiguidade, ou seja, por meio da ação da metonímia, que é capaz de captar a gradualidade desse processo de mudança semântica, em contextos que propiciam a ambiguidade e a transferência de significado.

Dessa forma, *visar*, significando “olhar, mirar”, mais concreto, mais próximo à experiência física do falante, a partir do aumento da frequência de uso, passa por um estágio de polissemia, tendo como resultado uma outra acepção do verbo, a de “pretender, almejar, ter por objetivo”, associada ao contexto do ato de fala, portanto, mais abstrata. Consideramos esse significado de *visar* mais abstrato uma vez que ele tem carácter cognitivo [-concreto] e recruta como sujeito palavras marcadas pelas características [-animado] e [-humano].

Percebemos, por meio desta pesquisa, que são as relações que o predicado estabelece com os seus argumentos que determinarão o estatuto sintático-semântico dos verbos. Sendo assim, cria-se um processo de mudança em cadeia: o que subsidia a distinção em dois tipos semânticos distintos do verbo, [-concreto] e [+abstrato], é uma informação, também de natureza semântica, que vem do sujeito.

Sobre o complemento recrutado por *visar*, aparece um SV que integra uma oração reduzida de infinitivo, de acordo, portanto, com o processo de dessentencialização, segundo Lehmann (1988), em que o verbo perde a função de principal da oração e passa a exercer função de auxiliar com forte marcação de volição e possível inferência de tempo futuro, a partir do “desbotamento” de significado, no qual um sentido “ter como objetivo” soma a outro, o de “volição”, num uso mais gramaticalizado. Dessa forma, percebe-se, através do percurso de mudança, que o item em estudo forma uma nova construção, documentada pela frequência de uso na escrita/fala.

Referências

- ABREU, Antônio Suárez. *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- BYBEE, Joan. *Frequency of Use and the Organization of Language*. New York: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of Change Grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (eds.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2003, pp. 602-23.
- BYBEE, Joan. Usage-based Phonology. In: DARNELL, Michael *et al.* (ed.) *Functionalism as formalism in linguistics*. v.1. John Benjamins Publishing, 1999. pp. 211-42.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. *O achar no português no Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. p. 167. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 1999.
- CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. 2001. p. 217. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, Talmy. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-language study*. Philadelphia, PA: John Benjamins, 1983.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite *et al.* (orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HEINE, Bernd. *Auxiliaries: Cognitive forces and grammaticalization*. Oxford: University Press, USA, 1993.
- HEINE, Bernd *et al.* From cognition to grammar: Evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approches to Grammaticalization*. v. 1. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 149-88.
- HEINE, Bernd; REH, Mechthild. Grammaticalization and reanalysis. In: *African Languages*. Hamburg: Helmut Booke Verla, 1984.
- HOPPER, Paul. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approches to Grammaticalization*. v. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/ Filadélfia. 1991.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra A. (eds.). *Clause combining in gramar and discourse*. Amsterdam e Philadelphia: j. Benjamins, 1988. Disponível em: www.christianlehmann.eu/publ/linkage.pdf. Acesso em: 23 out. 2014.
- LOPES-DAMASIO, Lúcia Regiane. *A emergência do marcador discursivo Assim sob a óptica da Gramaticalização: um caso de multifuncionalidade e (inter)subjetivação*. 2008. p. 247. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, UNESP/ São José do Rio Preto, 2008.
- MEILLET, Antoine. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948 [1912].
- MOURA, Geovana Portela de. *Visa gramaticalizar: o processo de gramaticalização de visar*. 2016. p. 165. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá, 2016.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CRHISTIANO, Maria Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Demerval da. (orgs). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise e ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004, pp. 13-28.
- SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. New York: Cambridge University Press, 1991.
- SWEETSER, Eve. Grammaticalization and semantic bleaching. In: AXMAKER, Shelley; JAISSER, Annie; SINGMASTER, Helen (orgs.). *General Session and Parasession on Grammaticalization*. Berkeley Linguistics Society, 1988. pp. 389-405.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.